

Teresa Vittucci

HATE ME, TENDER

a solo for future feminism

M/18 anos // Duração: 50 minutos

20 e 21 maio • 19h • Sala da Marinha Mercante do Museu de Marinha

Espetáculo integrado no Hot Spot - Solos Internacionais de Dança

Uma minissérie de solos que propõe, ao longo de dois dias, um olhar sobre a paisagem mais recente da dança contemporânea internacional.



Ficha artística

Conceito e *performance* **Teresa Vittucci**

Apoio dramaturgico **Benjamin Egger, Veza Fernandez, Rafal Pierzynski**

Cenografia **Jasmis Wiesli, Teresa Vittucci**

Manager de produção **groundworkers // Kira Koplin**

Produção **OH DEAR Zürich**

Coprodução **Tanzhaus Zürich, Theaterspektakel Zürich**

Agradecimentos **Julia Haenni, Gina Gurtner e Simone Aughterlony**

Gentilmente apoiado por **O Espaço do Tempo, Migros – Kulturprozent, Pro Helvetia, Ernst Göhner Foundation**

Espetáculo criado no âmbito da competição PREMIO para Teatro e Dança.

Estreou em 2019 no ImPulsTanz, Viena.

Esta digressão conta com o apoio da fundação Pro Helvetia.

«A solo for future feminism» é o subtítulo do último trabalho da coreógrafa e bailarina suíça, Teresa Vittucci, cuja obra, na fronteira da dança com a *performance*, tem sido amplamente reconhecida. *HATE ME, TENDER* é uma investigação sobre ódio e feminismo. Neste solo, examina uma das figuras femininas culturalmente mais importantes, a Virgem Maria. Com uma violência suave, Vittucci desvenda o estranho potencial de uma figura que é culturalmente vista como o epítome da pureza, inocência e perfeição, ícone da mulher compassiva e mãe enlutada. Reverenciada pelas autoridades eclesíásticas pelo seu papel de Mãe de Deus, criticada pelos movimentos feministas como um modelo repleto de estereótipos femininos – a Virgem polarizou gerações, inclusive por ser mulher. No seu solo, Vittucci quer libertá-la, emancipá-la e reabilitá-la no seu papel ambivalente de amor incondicional e como embaixadora de um feminismo *queer*.

Algumas notas acerca de HATE ME, TENDER e a Virgem Maria

Por Teresa Vittucci

Quando confrontados com a Virgem Maria – tal como o nome sugere – não podemos evitar primeiro desconstruir a sua virgindade antes de nos focarmos nela enquanto pessoa e personalidade. Como tal, antes de me debruçar sobre as qualidades de Maria que mais me emocionam (vulnerabilidade, misericórdia, amor), e nas quais encontro um momento feminista e agitador de um contrato social ideal, vejo-me forçada a questionar o maior dos atributos de Maria: o seu corpo imaculado. Este, por sua vez, é sintomático para as personagens femininas e a feminilidade: o corpo feminino e a sua constituição estão em primeiro plano: a feminilidade está intimamente vinculada a uma *objetificação* e idealização do feminino por via do corpo. A submissão feminina, quer através do falo, quer através da feminilidade atribuída, é virulenta para a socialização feminina. As mulheres aprendem – estruturalmente falando – que devem ser boas mães, criar harmonia, ser carinhosas, reservadas, piedosas e belas. Elas devem irradiar fertilidade,

mas também castidade, ser sensuais, mas exclusivamente reservadas. É isto que acontece igualmente com a Virgem Maria: existe um entrelaçamento de maternidade e virgindade enquanto núcleo essencial da feminilidade ideal.

O hímen é o verdadeiro símbolo desta castidade e reserva: preserva e deve servir como prova. Serve-me de motivo condutor em *HATE ME, TENDER*; eu sigo a história do hímen e apercebo-me: é um constructo regulador que possui uma assustadora validade amplamente suportada no discurso da sexualidade feminina. Gostaria de derrubar esta noção sem descrever claramente este mito.

TRAILER:

